Dia 1 — Os Santos Apóstolos São Filipe e São Tiago

São Tiago, chamado o Menor porque foi chamado ao apostolado depois de Tiago, filho de Zebedeu e irmão de São João, foi filho de Alfeu e de Maria, filha de Cléofas, prima-irmã da santíssima Virgem, chamada também sua irmã, segundo o estilo dos judeus, que costumam chamar irmãos e irmãs aos parentes muito próximos; e pela mesma razão nosso santo é chamado no Evangelho irmão de Cristo, ainda que na realidade não fosse mais que primo seu.

Nasceu São Tiago alguns anos antes do próprio Cristo. Segundo Hegésipo, foi santo desde o ventre de sua mãe; isto quer dizer que seus pais o consagraram ao Senhor antes de nascer, destinando-o desde então a seguir toda a vida a regra dos nazireus, obrigação que cumpriu com fidelidade até a morte.

Sua vida, diz São Jerônimo, foi um perpétuo jejum; desde menino proibiu-se inteiramente o uso do vinho e de toda carne; andava sempre com os pés descalços; e, enfim, era tamanha sua penitência que, como afirma São João Crisóstomo, parecia mais um esqueleto que um homem vivo. À penitência exterior do corpo correspondia o fervor interior do espírito; pois, tendo presente a especialidade com que estava dedicado ao serviço de Deus, quase desde o berço impôs a si mesmo perpétua proibição de todos os gostos e diversões da vida. Parecia que a oração era sua única ocupação, pois a todas as horas se o encontrava no templo, pedindo a Deus perdão pelo povo e clamando continuamente por sua salvação; desse exercício de orar de joelhos e sem apoio chegou a criar neles uns calos tão duros como os de um camelo. Soube granjear tanta estima e autoridade entre toda sorte de pessoas, pela modéstia de sua veste, por seu ar, por sua compostura e pela santidade que resplandecia em todas as suas ações, que era o único leigo a quem se permitia entrar no santuário, e todos o chamavam comumente o Justo. Numa grande seca que houve, levantando nosso São Tiago as mãos ao céu, logo choveu abundantemente; o que sem dúvida foi ocasião de que lhe dessem o sobrenome de Oblias, que quer dizer, em língua síria, aquele que sustenta o povo, ou a fortaleza de Deus.

Tal era São Tiago o Menor quando o Salvador do mundo se dignou chamá-lo ao apostolado. Não nos diz o Evangelho nem o tempo nem a ocasião em que foi escolhido para ele; apenas o conta como o nono entre os apóstolos, e é provável que somente até o segundo ano da pregação de Cristo não tenham sido agregados ao colégio apostólico Tiago e seu irmão São Judas.

Assegura Santo Epifânio que São Tiago conservou-se perpetuamente no celibato. O nome de irmão de Cristo, que até os próprios discípulos lhe davam comumente, dá bastante a entender a especial ternura com que Tiago amava seu Mestre, e também aquela com que dele era correspondido.

É antiga tradição, segundo diz São Jerônimo, que na noite da ceia fez São Tiago o propósito de não comer nem beber até que Cristo ressuscitasse; e que por isso lhe apareceu o Senhor imediatamente depois de sua gloriosa ressurreição. O certo é que, tendo Cristo ressuscitado, apareceu a Tiago em particular, como o afirma São Paulo, depois de se ter deixado ver por São Pedro e pelos demais apóstolos; e acrescenta São Clemente de Alexandria, um dos escritores mais antigos da Igreja, que depois da ressurreição comunicou o Salvador o dom da ciência a São Pedro, a Tiago o Justo e a São João; isto é, como o explica o mesmo Padre, uma sobreabundância de luzes e conhecimentos sobrenaturais para o desempenho dos diferentes ministérios a que os tinha destinado.

Depois da triunfante ascensão aos céus, tendo ficado São Pedro nomeado pelo próprio Cristo cabeça visível de toda a sua Igreja, foi Tiago declarado bispo de Jerusalém. São Jerônimo diz que nisso os apóstolos não fizeram mais que declarar solenemente a todos os discípulos a eleição que Cristo havia feito de nosso santo para o governo daquela igreja particular, que podia chamar-se o berço do cristianismo. E, na verdade, não parecia possível designar outro pastor que fosse mais grato nem mais respeitável aos judeus convertidos à fé, que compunham aquela igreja.

Seu zelo, acompanhado daquela piedade e doçura que o tornavam tão respeitável, sustentado com a santidade de uma vida austera e autorizado com os milagres que fazia, povoou bem depressa aquela igreja nascente. Correspondia maravilhosamente o fervor dos novos fiéis ao ardente zelo do santo pastor, e sua fé triunfou com esplendor e com estrondo na primeira perseguição que o inferno suscitou em Jerusalém contra a Igreja.

A doçura, a inocência e a modéstia de São Tiago não contribuíram pouco para ganhar-lhe os corações de muitos judeus, até dos principais da nação, que se converteram à fé de Cristo; e cada dia se via crescer o número dos fiéis pela pregação de nosso santo. Este, a exemplo de seu divino Mestre, condescendia em tudo o que era possível com a veemente paixão que os judeus recém-convertidos tinham pelas cerimônias da lei; condescendência prudente que, sendo em pontos pouco essenciais, conquistou grande número de judeus, ainda que não deixou de ser ocasião de algumas perturbações.

Alguns cristãos da Judeia, demasiadamente zelosos pela lei antiga, inquietaram a igreja de Antioquia, querendo obrigar os gentios à circuncisão. Sobre isto enviaram São Paulo e São Barnabé como deputados a São Pedro, a Tiago e a São João, que se achavam em Jerusalém, para consultá-los como a oráculos da verdade, depositários da fé e colunas da Igreja, como fala São Paulo na epístola aos Gálatas. Por essa ocasião celebrou-se naquela cidade o primeiro concílio, em que presidiu São Pedro. Este referiu as maravilhas que por seu ministério havia obrado Deus em favor dos gentios convertidos, aos quais o Senhor havia comunicado o Espírito Santo como a todos os demais fiéis; e concluiu que, uma vez que ninguém podia ser salvo senão pela graça do Redentor, não era razoável que se os obrigasse a carregar um jugo de que o mesmo Redentor os havia livrado.

Quando São Pedro acabou de falar, tomou a palavra Tiago [^1], como bispo diocesano, e disse assim: «Irmãos, prestai-me atenção: Simão acaba de explicar-vos como Deus quis escolher dentre os gentios um povo que fosse seu; sendo isto o que concordemente nos anunciam as palavras dos

profetas, segundo o que está escrito: *Eu voltarei depois, e reedificarei a casa de Davi; repararei o que estiver arruinado, para que todos os demais povos e nações, que são conhecidas pelo meu nome, busquem o Senhor.* O mesmo que fez estas coisas é o que fala desta maneira. Deus conhece em todo tempo a obra de suas mãos; por isso sou de parecer que não se inquietem os gentios que se convertem a Deus. Mas deve-se-lhes escrever que se abstenham de tudo aquilo que ficou imundo por ter sido oferecido aos ídolos, da fornicação, do animal que morreu sufocado e do sangue.» Seguiu-se este parecer; e os apóstolos, os presbíteros e toda a Igreja foram de sentir que se voltasse a enviar a Antioquia Paulo e Barnabé, acompanhados de Judas e de Silas, aos quais se entregou uma carta concebida nestes termos: «Pareceu ao Espírito Santo e a nós não vos carregar com mais do que é necessário; isto é, que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, da fornicação, etc.: abstendo-vos de tudo isto, fareis bem. Adeus.»

Crescia entretanto cada dia o número dos fiéis em Jerusalém pelo zelo, pela doçura e pela rara piedade de nosso santo. Manejava com grande destreza a excessiva e obstinada delicadeza dos judeus, e tolerava tudo aquilo que não era incompatível com o cristianismo, ganhando seu coração e sua confiança com esta cristã condescendência, para ir pouco a pouco dispondo-os a desembaraçar-se daquelas inúteis cerimônias legais a que estavam tão apegados. Tendo ido São Paulo a Jerusalém no ano 38, no dia seguinte passou a visitar Tiago, o qual lhe aconselhou que não mostrasse condenar certas cerimônias da lei antiga, de pouca consequência, para não escandalizar aqueles espíritos fracos; e o apóstolo conformou-se com este parecer.

Depois da morte de Festo, governador da Judeia, e antes que chegasse Albino, seu sucessor, irritados os fariseus e os doutores da lei pelos grandes progressos que fazia a religião cristã em toda a Judeia, e especialmente em Jerusalém, resolveram fazer todo o possível para exterminá-la. No ano de 62, Anano, pontífice que era então, filho daquele outro Anano ou Anás, cunhado de Caifás, de quem faz menção o Evangelho, quis aproveitar-se do interregno e convocou o grande conselho, chamado Sinédrio, para tratar dos meios mais conducentes a destruir o Evangelho. O expediente mais eficaz e mais breve que se lhes ofereceu de pronto foi obrigar Tiago o Justo a que negasse a Cristo, abjurasse sua religião e desenganasse o povo com suas palavras e com seu exemplo. Mandaram-no comparecer diante do conselho; e logo que se divulgou pela cidade a notícia, todo o povo concorreu ao consistório, movido pela reputação do santo. Encheu-se logo a sala onde se celebrava o Sinédrio das pessoas mais distintas da cidade. Hegésipo diz que os anciãos ou os conselheiros fingiram consultá-lo sobre alguns pontos, para apanhá-lo em alguma resposta que servisse de pretexto para condená-lo; mas o certo é que muitos procediam de boa-fé nas perguntas que lhe faziam. «Chamamos-te, disseram-lhe, para que nos ajudes a abrir os olhos ao povo e a apartá-lo de seus desvarios, fazendo-lhe reconhecer seus erros. Já vês que todos se declaram partidários e sectários da doutrina de Jesus, persuadidos de que foi o prometido Messias. É preciso que desenganes hoje esse numeroso povo que concorreu de todas as partes por ocasião da solenidade da Páscoa; porque todos te veneram como homem justo, veraz e incapaz de deixar-te mover por algum respeito humano: consequentemente, todos estão dispostos a render-se ao testemunho que prestares à verdade. Sobe, pois, à galeria do templo, para que melhor possas ser ouvido da inumerável multidão, e saibam todos de ti tanto o que tu crês como o que eles devem crer.»

Tendo-se deixado ver Tiago na galeria, começaram os escribas e fariseus a gritar-lhe de baixo: «Dize-nos, homem justo, que juízo havemos de fazer daquele Jesus que foi crucificado; porque todos nos conformaremos com o teu testemunho.» Então Tiago, esforçando a voz quanto pôde, exclamou: «Ouvi, irmãos meus, o testemunho que vou dar à verdade: Esse Jesus, Filho do Homem, de quem vós falais, está no céu sentado à direita de Deus Pai como Filho verdadeiro seu, e algum dia virá sobre o trono das nuvens para julgar todos os homens; porque é o Messias que esperaram nossos pais, e aquele que deve ser toda a nossa confiança e a esperança de Israel.»

Apenas o apóstolo acabou de dizer estas palavras, um crescido número de judeus, movidos por tão brilhante testemunho, creram em Jesus Cristo e começaram a louvar a Deus em altas vozes, dizendo: *Hosana ao Filho de Davi.* Mas os escribas e fariseus, arrependendo-se, embora já muito tarde, do que haviam feito, voltados para a multidão, começaram a gritar por todas as partes: «Povo, o Justo se engana»; e, cheios de raivoso furor contra o santo, subiram à galeria e o precipitaram lá de baixo, do mais alto do templo. Não ficou morto da queda e, pondo-se imediatamente de joelhos, fez oração a Deus pelos que lhe tiravam a vida; mas, não podendo estes suportar que sobrevivesse à queda, começaram a disparar contra ele uma espessa chuva de pedras, numa ocasião em que, achando-se perto do santo um pisoeiro, que por casualidade tinha na mão o bastão com que apertava os panos, descarregou-lhe tão furioso golpe na cabeça que acabou de matá-lo.

Assim morreu São Tiago o Menor, no mesmo dia da Páscoa do ano 62, tendo governado cerca de vinte e nove anos a igreja de Jerusalém; e tem-se por certo que lhe deram sepultura no mesmo lugar onde foi martirizado. Sua morte foi tão chorada que nunca se fez por nenhum homem um sentimento igual; e até os próprios judeus olharam esta morte injusta como uma das principais causas das públicas calamidades da nação e até da própria ruína de Jerusalém, que sucedeu oito anos depois da morte de nosso apóstolo.

Escreveu São Tiago, como bispo de Jerusalém e como apóstolo muito particular dos judeus, aquela admirável epístola que entra no número dos livros canônicos do Novo Testamento e é a primeira das sete epístolas católicas, assim chamadas porque não se dirigem a nenhuma pessoa ou igreja particular, mas à universalidade de todos os fiéis. Esta epístola dirige-se às doze tribos, isto é, a todos os judeus convertidos espalhados por toda a redondeza da terra; e sempre foi estimada como um excelente compêndio, quinta-essência ou medula de toda a moral cristã. Seu estilo é vivo e eficaz, e em nenhuma outra parte se leem repreendidos os abusos com vozes mais enérgicas nem mais expressivas.

No mesmo dia celebra a santa Igreja a festa de São Filipe, que, tendo sido chamado ao apostolado antes que Tiago, é sempre nomeado primeiro no ofício do dia.

Foi São Filipe natural de Betsaida, cidade da Galileia, às margens do lago de Genesaré. Era casado e tinha três filhas. Sua piedade, diz São João Crisóstomo, fazia-o ser muito respeitado; e, empregando-se continuamente na meditação da lei e dos profetas, esperava com um grande fundo de religião o Messias prometido, que havia de ser a redenção de Israel.

Tendo dito publicamente o Batista, em presença de seus discípulos, que Jesus era o Cordeiro de Deus, André e Simão, que depois se chamou Pedro, seguiram-no imediatamente; e como no dia

seguinte partisse Jesus para a Galileia, encontrando Filipe no caminho, não lhe disse mais que esta palavra: *Segue-me*; com a qual não só inspirou a seu coração uma generosa resolução de deixar tudo para seguir a Cristo, mas um ardente desejo de conquistar-lhe todos os discípulos que pudesse. Com efeito, pouco depois, tendo Filipe encontrado Natanael, disse-lhe que tivera a ventura de achar aquele de quem tanto havia falado Moisés nos livros da lei e a quem haviam retratado os profetas; e o conduziu ao Salvador. Assegura São Clemente de Alexandria, como coisa em que todo o mundo convinha, que foi São Filipe aquele jovem que pediu licença a Cristo para ir enterrar seu pai e a quem o Senhor respondeu: *Deixa aos mortos que enterrem seus mortos.*

Desde então seguiu Filipe a Cristo tão deveras que não voltou a separar-se de sua companhia. No ano seguinte foi escolhido para o apostolado e contado entre os doze, nomeando-o o Evangelho imediatamente depois de São João. Atesta bem a especialidade com que o Salvador amava São Filipe a distinção com que o tratava. Quando quis fazer o milagre da multiplicação dos pães, perguntou-lhe, para sondá-lo, onde achariam pão para tanta multidão. Em certa ocasião, querendo uns forasteiros ver a Cristo, valeram-se de São Filipe para que lho facilitasse, persuadidos de que era o que mais privava com o Salvador. Quando este, naquele grande sermão que fez a seus apóstolos depois da última ceia, lhes falou de seu Pai, São Filipe tomou a liberdade de suplicar-lhe que se dignasse fazê-lo ver a todos, porque todos o desejavam muito; ao que o Senhor respondeu: *Filipe, quem me vê a mim, vê o Pai.*

Depois da ascensão de Cristo aos céus e da vinda do Espírito Santo, quando os apóstolos se dividiram por todo o mundo para difundir por todo ele a luz do Evangelho, São Filipe foi pregar a fé à província da Frígia, onde converteu muitas almas e obrou muitos milagres. Tendo chegado a Hierápolis, compadeceu-se muito ao ver que aquele povo ignorante adorava por Deus uma monstruosa víbora; e, cheio de santa indignação, fê-la em pedaços no caminho. Abriu os olhos àquela pobre gente, fez-lhe visível a grosseria de seus erros e, convertendo à fé toda a cidade, fundou nela uma florescente igreja. Mas não o deixou em paz a cólera do demônio: porque, irritados os sacerdotes dos ídolos e os magistrados ao ver os maravilhosos progressos que fazia o cristianismo, resolveram tirar a vida ao santo apóstolo. Lançaram mão dele e, depois de o terem preso alguns dias, despedaçaram-no com cruéis açoites e, amarrando-o a uma cruz, começaram a apedrejá-lo. Sobreveio um furioso terremoto que, atemorizando os gentios e pondo-os em precipitada fuga, deu lugar aos cristãos para que baixassem da cruz a São Filipe; mas, conhecendo o santo que já lhe restavam poucos instantes de vida, rogou-lhes que o deixassem acabá-la na cruz, a exemplo do Salvador; e, tendo-se-lhe concedido esta consolação, expirou nela pouco tempo depois, encomendando a Deus sua alma e seu povo. Sucedeu esta preciosa morte no dia 1º de maio do ano 51, segundo Barônio; ou por volta do ano 90, na opinião dos que dão a São Filipe 87 anos. Foi levada a Constantinopla uma parte de suas sagradas relíquias, e outra parte delas se venera em Roma, na igreja dos santos apóstolos, que começou o papa Pelágio I e acabou João III, seu sucessor.

Martirológio Romano

A festa dos apóstolos São Filipe e São Tiago. São Filipe, depois de ter convertido à fé de Jesus Cristo quase toda a Cítia, foi crucificado em Hierápolis, na Ásia, e acabou gloriosamente sua vida sendo apedrejado. Tiago, chamado na Escritura Irmão do Senhor, primeiro bispo de Jerusalém, foi precipitado do alto do templo e, quebradas as pernas e ferido no cérebro com o pau de um lavadeiro, foi sepultado ali junto ao templo.

No Egito, o profeta São Jeremias, o qual, tendo sido apedrejado pela plebe, morreu em Tânis e foi enterrado ali. Os cristãos, diz Santo Epifânio, costumavam ir orar sobre seu sepulcro, e o pó que dele tiravam servia-lhes de remédio contra a mordedura dos áspides.

No Vivarais, o subdiácono Santo Andéolo, enviado do Oriente com muitos outros por São Policarpo para pregar a palavra de Deus na França, onde, no tempo do imperador Severo, foi cruelmente espancado com bastões espinhosos; depois, com uma espada de madeira, abriram-lhe a cabeça em quatro partes, em forma de cruz, e deste modo consumou seu martírio.

Em Huesca, na Espanha, os santos mártires Orêncio e Paciência.

Em Sion, no Valais, o martírio de São Sigismundo, rei dos borgonheses, o qual foi lançado e afogado num poço e se tornou célebre por seus milagres.

Em Auxerre, Santo Amador, bispo e confessor.

Em Auch, Santo Orens, bispo.

Na Inglaterra, Santo Asafe, bispo, e Santa Valburga, virgem.

Em Bérgamo, Santa Grata, viúva.

Em Forlì, São Peregrino, da ordem dos servitas.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos annua apostolorum tuorum Philippi et Jacobi solemnitate lætificas; præsta, quæsumus, ut, quorum gaudemus meritis, instruamur exemplis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a solene festividade de vossos apóstolos Filipe e Tiago, concedei-nos que imitemos os exemplos daqueles de cujos merecimentos nos regozijamos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 5,1-5

> **Latim:** [1] Tunc stabunt justi in magna constantia adversus eos qui se angustiaverunt, et qui abstulerunt labores eorum. [2] Videntes turbabuntur timore horribili, et mirabuntur in subitatione insperatæ salutis ; [3] dicentes intra se, pœnitentiam agentes, et præ angustia spiritus gementes : Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii. [4] Nos insensati, vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore ; [5] ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.

Português: [1] Então se levantarão os justos com grande afou-teza contra aquêles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos. [2] Vendo-os assim, perturbar-se-ão com temor horrível, e ficarão assombrados pela novidade repentina da sua salvação, que êles não esperavam, [3] dizendo dentro de si, tocados do arrependimento, e com angústia do espírito gemendo: Estes são aquêles, de quem nós noutro tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objeto de opróbrio. [4] Nós insensatos reputávamos a sua vida por uma loucura, e o seu fim sem honra: [5] Ei-los aí como têm sido contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte.

Nota

«Tendo representado Salomão nos capítulos precedentes o lamentável estado em que se acharão os réprobos no fim de sua vida, e o que sentirão naquela hora fatal que há de decidir sua sorte eterna, faz contraposição neste capítulo da glória e, por assim dizer, do triunfo dos justos depois de sua morte e por toda a eternidade.»

Reflexões

A paciência e a humildade, inseparáveis da verdadeira virtude, fecham a boca aos justos perseguidos, tornam-nos como mudos e quase insensíveis, impedindo-os de levantar o grito nesta vida contra aqueles que os oprimem, que os sufocam e que fazem quanto podem para arrancar-lhes o fruto de seus trabalhos. Mas quando se acabar este curto número de dias, quando chegar o fim deste triste desterro, quando juntamente com ele cessar a injusta perseguição, quando estes

ditosos escolhidos entrarem no gozo de seu Deus e tomarem posse da glória eterna, que não terão que dizer, e quanto envergonharão os que trataram tão indignamente a virtude e a religião! E que sentimento, que despeito será o daqueles que tanto exercitaram sua paciência!

Que persigam a virtude aqueles que são ímpios de profissão, não deve surpreender-nos; ninguém deve estranhar que os inimigos declarados façam a guerra. Mas que as mais duras, as mais sensíveis perseguições que têm de padecer os bons venham muito ordinariamente daqueles mesmos que deviam protegê-los; que o capricho, o mau humor e os desdéns daquelas mesmas pessoas que fazem profissão de virtuosas sejam a prova mais terrível de uma virtude terna, bisonha e recém-nascida, isto é o que a custo se pode crer e, contudo, é o que se vê muito frequentemente.

Abre um jovem seu coração aos sentimentos cristãos, desgosta-se dos prazeres e diversões do mundo, dá princípio à reforma de sua vida: quanto tem o pobre que padecer daqueles mesmos que deviam ser os primeiros em aplaudir sua resolução e em celebrar o partido que tomou! Mas ainda cresce muito mais a admiração quando, naquelas comunidades religiosas que são o asilo da virtude e onde a piedade deve estar a coberto de todo insulto, se acha talvez esta mesma virtude exposta a mil molestas contradições, censurada, escarnecida, condenada por aqueles mesmos que deviam ser seus panegiristas. A reforma de costumes desagrada, especialmente quando está apoiada numa vida mais exemplar do que quereriam aqueles que não se prezam muito de homens regulares. À exatidão edificante dá-se o odioso nome de desdenhosa singularidade; à modéstia qualifica-se de afetada; à circunspecção diz-se que é uma gravidade fastidiosa; finalmente, até a própria humildade se censura e se condena. Não pode haver perseguição mais perigosa para uma virtude terna e em cueiros; poucas há que não se rendam, ou ao menos que não vacilem nesta prova. Mas, valha-me Deus! De que princípio nascerá esta maligna aspereza, esta acrimônia contra um sujeito que só se distingue dos demais em ser mais exato no cumprimento de suas obrigações? Não nasce certamente nem de zelo nem de amor pela observância comum; nasce de inveja, nasce de emulação, nasce de um secreto orgulho. A vida exemplar e edificante daquele particular é uma tácita censura, é uma muda, mas muito dolorosa repreensão da vida e do porte de muitos. Sentem estes não sei que interior despeito de que o outro lhes faça sombra; temem que a reforma daquele não faça visível a necessidade que eles têm de reformar-se. Um ancião envergonha-se de que um jovem haja feito tantos progressos em dois dias; o jovem que não tem espírito nem valor para ser tão virtuoso enche-se de emulação e de inveja, vendo que o outro, que é melhor, se acredita de mais cordato. Estas são aquelas perseguições, estas aquelas terríveis provas que excitam as paixões. A relaxação nunca irrita a cólera dos tíbios; mas o fervor, a exatidão, uma observância um pouco mais estreita que até aqui, logo põe de mau humor os indevotos. Mas, enfim, tempo virá em que estes injustos censores, estes perseguidores dissimulados, estes inimigos domésticos sejam confundidos. Tempo virá em que se vejam obrigados a confessar e a detestar seus erros, a reconhecer sua malignidade e a fazer justiça ao bom senso e à virtude do justo; porque a estima e a veneração são um tributo que tarde ou cedo pagam os próprios ímpios à virtude.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 14 de São João.

João 14,1-13

> **Latim:** 1 Non turbetur cor vestrum. Creditis in Deum, et in me credite. 2 In domo Patris mei mansiones multæ sunt ; si quominus dixissem vobis : quia vado parare vobis locum. 3 Et si abiero, et præparavero vobis locum, iterum venio, et accipiam vos ad meipsum : ut ubi sum ego, et vos sitis. 4 Et quo ego vado scitis, et viam scitis. 5 Dicit ei Thomas : Domine, nescimus quo vadis : et quomodo possumus viam scire ? 6 Dicit ei Jesus : Ego sum via, et veritas, et vita. Nemo venit ad Patrem, nisi per me. 7 Si cognovissetis me, et Patrem meum utique cognovissetis : et amodo cognoscetis eum, et vidistis eum. 8 Dicit ei Philippus : Domine, ostende nobis Patrem, et sufficit nobis. 9 Dicit ei Jesus : Tanto tempore vobiscum sum, et non cognovistis me ? Philippe, qui videt me, videt et Patrem. Quomodo tu dicis : Ostende nobis Patrem ? 10 Non creditis quia ego in Patre, et Pater in me est ? Verba quæ ego loquor vobis, a meipso non loquor. Pater autem in me manens, ipse fecit opera. 11 Non creditis quia ego in Patre, et Pater in me est ? 12 alioquin propter opera ipsa credite. Amen, amen dico vobis, qui credit in me, opera quæ ego facio, et ipse faciet, et majora horum faciet : quia ego ad Patrem vado. 13 Et quodcumque petieritis Patrem in nomine meo, hoc faciam : ut glorificetur Pater in Filio.

Português: 1 NÃO se turbe o vosso coração. Credes em Deos, crede tambem em mim. 2 Na casa de meu Pai ha muitas moradas: se assim não fora, eu vou-lo tivera dito: Pois vou a apparelhar-vos o lugar. 3 E depois que eu for, e vos apparelhar o lugar: virei outra vez, e tomar-vos-hei para mim mesmo, para que onde eu estou, estejais vós tambem. 4 Assim que vós sabeis para onde eu vou, e sabeis o caminho. 5 Disse-lhe Thomé: Senhor, nós não sabemos para onde tu vás: e como podemos nós saber o caminho? 6 Respondeo-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida: ninguem vem ao Pai, senão por mim. 7 Se vós me conhecesseis a mim, tambem certamente haviestes de conhecer a meu Pai: mas conhecello-heis bem cedo, e já o tendes visto. 8 Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta. 9 Respondeo-lhe Jesus: Ha tanto tempo que estou convosco: e ainda me não tendes conhecido? Filippe, quem me vê a mim, vê tambem o Pai. Como dizes tu logo: Mostranos o Pai? 10 Não credes que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim ? As palavras, que eu vos digo, não nas digo de mim mesmo: mas o Pai, que está em mim, esse he o que faz as obras. 11 Não credes que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim ? 12 Crede-o ao menos por causa das mesmas obras. Em verdade, em verdade vos digo, que aquelle, que crê em mim, esse fará tambem as obras, que eu faço, e fará outras ainda maiores: porque eu vou para o Pai. 13 E tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, eu vo-lo farei: para que o Pai seja glorificado no Filho.

Meditação

Do conhecimento e amor de Nosso Senhor Jesus Cristo

Primeiro ponto

Considera que a verdadeira felicidade, a vida eterna, consiste em conhecer bem a Jesus Cristo. Todos os demais descobrimentos, todas as demais luzes do entendimento humano são fogos-fátuos, brilhos aparentes, nuvens iluminadas que dão uma falsa luz e que não ensinam mais que aqueles largos caminhos que levam à perdição. Jesus Cristo é o caminho que se deve seguir, a verdade que se deve crer, a vida inseparável da maior felicidade. Mas é muito concorrido este caminho? É muito abraçada esta verdade? É muito solicitada esta vida, na qual consiste a bem-aventurança eterna? É conhecido Jesus Cristo daquelas almas carnais que só vivem a vida dos sentidos e a quem cegam as paixões? É conhecido Jesus Cristo daqueles libertinos que o perseguem, daqueles mundanos que o desprezam, daqueles cristãos pela metade que o desacreditam com sua vida e até daquelas pessoas que fazem profissão de virtuosas e que o desonram com seus costumes pouco regulares? É conhecido este soberano Senhor daqueles mesmos que estão a seu serviço e que o servem tão indignamente?

Conhecemos o que é, o que pode e o que faz? Olhamo-lo como soberano Senhor de todas as coisas, como único árbitro de nossa sorte, como supremo Juiz de todos os homens?

Sendo soberana e essencialmente feliz por si mesmo desde toda a eternidade, quis fazer-se homem no tempo por amor dos homens e entregou-se a si mesmo à morte, e morte de cruz, para redimi-los. Conhece-se bem este grande benefício? Compreendem-se estes mistérios? E se nossa fé produz este conhecimento, que respeito, que amor, que gratidão professamos a nosso divino Salvador? Posso lisonjear-me de que meus afetos deem testemunho de que o conheço? E se meu conhecimento é o que deve ser, como é possível que honre tão pouco e sirva tão mal a Jesus Cristo? Nele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência de Deus; nele habita corporalmente a plenitude da divindade; nele temos plenamente todas as coisas; ele é a cabeça dos principados e das potestades; ele é o que riscou a cédula, a sentença de condenação que estava pronunciada contra nós; ele a anulou, cravando-a consigo mesmo na cruz. Reconhecemos bem todas estas prerrogativas, todas estas eminentes qualidades, todos estes dons, todos estes benefícios que devemos a Jesus Cristo? Pois onde está nossa veneração, nosso profundo respeito, nossa ternura? Para que com a distância ou com a ausência não se entibiasse nossa fé, ele mesmo se aproximou de nós e veio viver entre nós; e porque nossos olhos fracos não poderiam suportar o resplendor de sua majestade, escondeu-a, ocultou-a com o véu dos acidentes do pão no adorável sacramento da Eucaristia. Ali está realmente; mas refletimos nós que está ali? Consultemos nossa modéstia no templo, nossa ânsia por visitá-lo, nossa frequência em fazer-lhe a corte, nossa fome por recebê-lo, nossa devoção, nosso respeito em sua presença. Ah, e quanta verdade é que não conhecemos aquele que está no meio de nós! Quanta verdade é que está no mundo e que o mundo não o conhece; que veio viver entre os seus e que os seus não o receberam! Mas infelizes daqueles que o desconhecem!

Segundo ponto

Considera que, se é a maior de todas as desditas não conhecer a Jesus Cristo, não é menos funesta, conhecendo-o, não amá-lo.

Os demônios creem todas as verdades de nossa religião; creem-nas e estremecem. Eles mesmos exclamam: *Tu és o Filho de Deus*; sabem muito bem que é Cristo. Pois de onde nasce sua desdita? De que, com uma fé tão compreensiva e tão penetrante e com todo este estéril e especulativo conhecimento, não o amam. E não haverá alguns cristãos no mundo a quem se possa repreender com o mesmo?

A ternura para com Jesus Cristo devia ser muito sensível; porque tudo solicita, tudo pede, tudo exige nosso afeto e nosso amor. Formosura sem igual, bondade sem semelhante, benefícios sem número e sem preço. Amou-nos com excesso; e agora, ama-nos com menos liberalidade, com menos ternura? Toda a correspondência que nos pede é nosso coração. Como se lhe parecesse pouco ser nosso fiador, nosso redentor e nosso guia, quer também ser nosso sustento, e quer ele mesmo ser nosso prêmio. Que te parece? Basta o que fez para atestar-nos sua ternura? Mas basta porventura para que o amemos, basta para mover-nos, para ganhar nosso coração, esse coração que com tanta facilidade, tão prodigamente entregamos por uma palavra de carinho que nos dizem, por um curto benefício que nos fazem? Amamos nós a Jesus Cristo?

Tudo se faz por agradar, nada se nega, quando se ama muito. Mas esforçamo-nos muito por agradar a nosso divino Salvador? Antes, que não fazemos para desgostá-lo? Profanam-se escandalosamente seus sagrados templos; atreve-se a impiedade e a irreligião a chegar até o pé dos altares; não há irreverência que não se cometa até em sua própria presença. Acaso tem limites em nossos tempos a indevoção e o descaro? Que caso se faz da doutrina de Cristo? Desprezam-se seus mandamentos, zomba-se dos que o servem, e falta pouco para que se condene a moral do Evangelho. Esses jovens dissolutos, essas mulheres mundanas, esses homens de negócios, esses idólatras dos prazeres e das diversões, essas pessoas consagradas a Deus, mas tão pouco religiosas, todos estes amam muito a Jesus Cristo? E depois nos admiraremos da calamidade dos anos, das necessidades e misérias públicas, dos muitos males que nos afligem. Pois quê! Ignoramos porventura que todas as criaturas se armam justamente para vingar nossa ingratidão para com um Senhor tão benéfico?

Com muita razão clama São Paulo: *Si quis non amat Dominum nostrum Jesum Christum, anathema sit:* se alguém é tão insensível que não ame a Nosso Senhor Jesus Cristo, seja anátema. Pode haver maior ingratidão, maior malícia, maior impiedade que não amar a Jesus Cristo?

Ah, divino e amável Salvador meu! Poderei lisonjear-me de que vos conheço? E se é tanta minha ventura que possa dizer com vosso apóstolo: *Tu és Filho de Deus vivo*; acharei acaso em todo o meu porte e em toda a minha conduta um testemunho prático de que verdadeiramente vos amo? Coberto de confusão, cheio de dor, mas ao mesmo tempo de uma grande confiança em vossa divina graça, atrevo-me a prometer-vos, ó Salvador meu amabilíssimo, que vos amarei e que já começo, desde este mesmo instante, a conhecer-vos e amar-vos.

Jaculatórias

> *Diligam te, Domine, fortitudo mea, refugium meum, et liberator meus.* Sl 17.

Sim, eu vos amarei daqui em diante, meu Senhor, minha fortaleza, meu refúgio e meu amável libertador.

> *Et si oportuerit me simul commori tibi, non te negabo.* Mc 14.

Não, meu doce Jesus, ainda que seja preciso morrer contigo, não te negarei, não deixarei de amar-te.

Propósitos

1. A vida eterna, dizia o Salvador do mundo a seu Pai, é conhecer-te a ti por verdadeiro Deus, e a Jesus Cristo, a quem enviaste, Filho teu. A maior desdita que pode suceder a um homem é não conhecer a Jesus Cristo; mas não é menor que esta o conhecê-lo e não amá-lo. Todos os cristãos temos a ventura de conhecê-lo; nenhum há que não se honre, que não se glorie de ser discípulo seu. Mas podemos dizer com verdade que o amamos? Bem sabes tu quem é; mas tratas-lo com o respeito que merece? E quando és tu tão delicado, tão zeloso de que te tratem com a atenção que se te deve, com que devoção, com que modéstia, com que veneração te pões em sua presença? Examina aqui o fervor e a pontualidade com que cumpres as obrigações de cristão, e examina também a compostura e o respeito com que te apresentas na igreja. O Evangelho é a palavra de Jesus Cristo; que veneração professas, que estima fazes desta divina palavra? Não ignoras os preceitos nem as máximas de Jesus Cristo; que caso fazes daqueles e destas? Consulta teus sentimentos e teu porte. Há, na verdade, muitos cristãos; mas há muitos verdadeiros fiéis? Olha bem se estás compreendido no número daqueles de quem diz São Paulo em sua epístola a Tito [^2]: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant:* com as palavras confessam que conhecem a Deus, mas com as obras o negam. Não te esqueças do que acrescenta o mesmo Apóstolo: *Cum cognovissent Deum, non sicut Deum glorificaverunt; sed obscuratum est insipiens cor eorum: dicentes enim se esse sapientes, stulti facti sunt.* Que desculpa terão os que, conhecendo a Deus, não o glorificaram como a Deus? Cegou-os sua própria insensatez, e os que se tinham por sábios e por prudentes se qualificaram de néscios.

2. Dize valorosa e animosamente com São Paulo: *Non erubesco evangelium* [^3]: não me envergonho de fazer o que manda o Evangelho. E assim ninguém se admire de que, como cristão, perdoe generosamente aquela injúria; de que não me deixe arrebatar da cólera, como fazia antes;

de que não assista nem aos espetáculos, nem à comédia, nem à ópera; de que já não me deixe ver naquelas casas públicas de jogo, nem apareça nas reuniões profanas. Jesus Cristo, a quem reconheço verdadeiramente por meu Deus, por meu Salvador e por meu Juiz, mo proíbe; seu Evangelho manda-me abster-me para sempre de semelhantes diversões: *Non erubesco evangelium:* não me envergonho deste Evangelho. Um vil respeito humano malogra infelizmente muitas vezes os mais fervorosos propósitos. Dize com valor a essas pessoas que te aconselham que sejas menos severo, menos rígido e um pouco mais condescendente; a essas que te convidam a que as imites, a que as acompanhes em suas perigosas diversões; dize-lhes o que dizia outrora Santa Blandina: *Christiana sum: nihil apud nos admittitur sceleris:* cristã sou, e este só nome, esta só profissão me proíbe estas diversões profanas. Faze hoje uma visita particular a Cristo no Sacramento, para pedir perdão do pouco que até aqui o conheceste e amaste, para prometer-lhe daqui em diante uma fidelidade inalterável, para pedir sua graça, rezando para este fim a ladainha da Virgem. Lembra-te do que intima São João: que aquele que diz que conhece a Deus e não guarda seus mandamentos é mentiroso: *Qui dicit se nosse Deum, et mandata ejus non custodit, mendax est* [^4].

[^1]: O original traz a chamada «(1)», mas o texto da nota não aparece no OCR. Trata-se do discurso de Tiago no concílio de Jerusalém: At 15,13-21. [^2]: Tt 1,16. (Nota do autor: «Cap. 1».) [^3]: Rm 1,16. (Nota do autor: «I. ad Rom.») [^4]: 1 Jo 2,4. A chamada «(1)» está no original, mas o texto da nota não aparece no OCR; a referência foi deduzida do texto citado.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:42 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:42 by Admin